

OXIGÊNIO

AGOSTO 2020

o

NÚMERO 12

VISCONDE DE MAUÁ
áurea de doce melancolia





EDITORIAL

A OXIGÊNIO completa um ano! E celebramos, mesmo não sendo – certamente – o melhor período das nossas vidas.

É fácil manter a esperança, a fé e a coragem diante da bonança. O problema são as tempestades...

Mas, como diz Fernando Sabino em *Depois de tudo*,

“Por isso devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro.”

E nunca foi tão vital respirar!

Em 2020, resiliência deixou de ser substantivo para ser verbo: vamos, sempre, “resilienciar”.

Arte, Cultura, Turismo, Gastronomia & Bebidas estão no nosso radar.

Ariano Suassuna, outro querido mestre, nos sugere o caminho: *“O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso.”*

Sejamos, então, “realistas esperançosos”. E continuemos, simplesmente, a respirar. Fundo, bem fundo!

Foto de capa: Antonella Kann – Pico da Pedra Selada

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

04	7ª edição do Prêmio Objeto Brasileiro
06	Foto BSB – 1º Festival Internacional de Fotojornalismo
08	Visconde de Mauá
15	Profunda afinidade – Coleção Sebastião Aires de Abreu
17	O museu visceral de Farnese: colecionismo e afeto
20	Rio terá seu primeiro restaurante cabine
24	50 anos de carreira de Araquém Alcântara, ícone da fotografia
26	Segunda temporada de <i>lives</i> da <i>sommelière</i> Deise Novakoski aposta nos drinques
30	Em Londres, a arte de volta ao vivo e a cores
37	No MASP, arte e música online e gratuito pela primeira vez

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: Aldones Nino, Antonella Kann, Charles Cosac e Deise Novakoski

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

7ª EDIÇÃO DO PRÊMIO OBJETO BRASILEIRO

Com inscrições abertas até 1º de setembro o Museu A Casa do Objeto Brasileiro premia e destaca o melhor da produção artesanal contemporânea e do design brasileiros

Foto: Agda Sardinha



Mais do que um abrangente concurso organizado por uma instituição pioneira e atuante no setor, o Prêmio é um acontecimento bienal permanente, que acontece desde 2008, e mobiliza e estimula recursos criativos, a troca de ideias e de novos contatos.

Dividido nas categorias *Autoral*, *Coletiva* e *Ação Socioambiental*, os ganhadores recebem uma bonificação e participam de uma exposição, auxiliando na divulgação de novos e consagrados artesãos, designers, cooperativas ou comunidades de artesanato.

– *Neste período de isolamento social, todo o processo de inscrições será feito exclusivamente pelo site do Museu e a avaliação do júri deverá ocorrer à distância por meio de fotos e informações sobre os objetos/projetos* – revela Renata Mellão, diretora geral do Museu A CASA. Os premiados integrarão uma apresentação virtual em data a ser informada posteriormente, quando se dará a entrega dos prêmios. Além da exposição, os selecionados terão uma premiação em dinheiro.

A CASA Museu do Objeto Brasileiro, que funciona em Pinheiros/SP, é uma organização social e desde sua abertura, em 1997. Se tornou um centro cultural dinâmico de reflexão sobre a identidade cultural brasileira ao estabelecer relações multidisciplinares e integração entre as artes.

O Museu desenvolve trabalhos nas áreas de consultoria, exposições, palestras e encontros, oficinas/workshops, além da edição de livros. Em paralelo organiza Feiras e Comercialização de Produtos de modo a gerar renda e difundir o trabalho artesanal brasileiro.

Para mais informações: www.acasa.org.br



De cima para baixo:

Cesto de palha, Projeto *A Gente Transforma*, Marcelo Rosenbaum, categoria *Ação Socioambiental*;
Mesa Reverso, *Cláudia Moreira Salles*, categoria *autorar*;
Sapatos de Latéx, *Doutor da Borracha*, categoria *coletiva*
Fotos: Gustavo Ribeiro



1º FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOJORNALISMO

Afinal, do que trata a fotografia documental? Qual o seu papel aqui e agora? Com estes questionamentos nasce o primeiro festival dedicado exclusivamente ao fotojornalismo no Brasil

O FOTO BSB – Festival Internacional de Fotojornalismo – propõe a discussão e a promoção da fotografia documental, sua autonomia como profissão, especificidades e também fronteiras com outros campos, como a arte e o pensamento crítico. O registro de um momento, um instante que representa o que aconteceu e o que está para acontecer, que sintetiza uma época, um estado de espírito, uma visão de mundo.

O evento, que acontece entre os 16 e 19 de agosto, compreende uma série de debates, painéis e mesas com transmissão pelo YouTube, proporcionando ao público uma discussão com profissionais de amplo reconhecimento no Brasil e no mundo. Comprometido com a qualidade da programação e relevância dos assuntos abordados, promove também um concurso nacional de fotografias.

Em homenagem aos 60 anos de Brasília, foi criada a galeria “Brasília em Construção” nas redes sociais do projeto, com trabalhos dos mais importantes fotógrafos documentais de todos os tempos. São imagens que mostram o olhar e a sensibilidade de cada artista, tão valiosos quanto os que participaram de fato na cons-

trução da cidade. Thomas Farkas, Gervásio Baptista, Marcel Gautherot, Sérgio Jorge e René Burri compõe a galeria desses tempos de esperança.

O FOTO BSB se inspira no *Visa pour l'Image*, o principal Festival Internacional de Fotojornalismo, que acontece anualmente desde 1989, em toda a cidade de Perpignan, na França. O evento é contemplado pela SECEC –



Galeria Brasília em Construção

Reprodução do site

Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF, com recursos do Fundo de Apoio à Cultura.

PROGRAMAÇÃO

Mesas, painéis e encontros com profissionais da área compõem a programação do festival. Enquanto os painéis debaterão aspectos mais técnicos envolvendo a profissão de fotojornalista, os encontros visam aprofundar o conhecimento do trabalho de grandes nomes do campo. Já as mesas-redondas irão discutir diferentes narrativas que dão sentido ao trabalho destes profissionais no seu diálogo com a cultura, a sociedade, o meio-ambiente. As discussões serão mediadas por pensadores de grande reconhecimento, trazendo uma perspectiva crítica da profissão.

Fotojornalismo e questões contemporâneas – ativismo, feminismo, floresta, pandemia, novas narrativas, práticas transformadoras – serão o foco das mesas-redondas, em um diálogo entre quem elabora e quem traduz o mundo em imagens. Pensadores como Marcia Tiburi, Rita Von Huntz e Bruno Torturra conversarão com fotojornalistas de grande experiência, como Ricardo Stuckert, Ana Carolina Fernandes, Rogerio Assis e Victor Moriyama, e com jovens expoentes que vêm se destacando cada vez mais na área, como Gabriela Biló, Janine Moraes, Isis Medeiros, todos reconhecidos nacional e internacionalmente.

MESAS JÁ CONFIRMADAS

- *Narrativas transformadoras* – Rita Von Huntz conversa com Raquel Brust (*Projeto Gigante*) e Toni Pires (*Education In Transition*).
- *Narrativas tendenciosas* – Marcia Tiburi conversa com Daniela Nahass e Zuleika de Souza.
- *Fotojornalistas nas redações* – Zuleika de Souza conversa com Ana Carolina Fernandes, Gabriela Biló e Nair Benedicto.
- *Coletivos Femininos* – Daniela Moura conversa com Janine Moraes e Isis Medeiros.

Os bate-papos ocorrerão entre os dias 16 e 19 e os horários estarão disponíveis em breve nas redes do festival.

<https://festivalfotobsb.com.br/>



Rita von Huntz
Foto: Arthur Viana



Marcia Tiburi
Foto: Arquivo pessoal



Zuleika de Souza
Foto: Arquivo pessoal



Nair Benedicto
Foto: Arquivo pessoal

VISCONDE DE MAUÁ

Para os habituês e moradores desta região montanhosa, aninhada a quase 2.000 metros acima do nível do mar e emoldurada pela Serra da Mantiqueira, a áurea de doce melancolia faz parte do ritmo de vida deste autêntico lugarejo de interior, que desde sempre resistiu a mudar os seus hábitos pacatos, mesmo estando a meio caminho entre as duas metrópoles mais agitadas do Brasil, Rio de Janeiro e São Paulo.

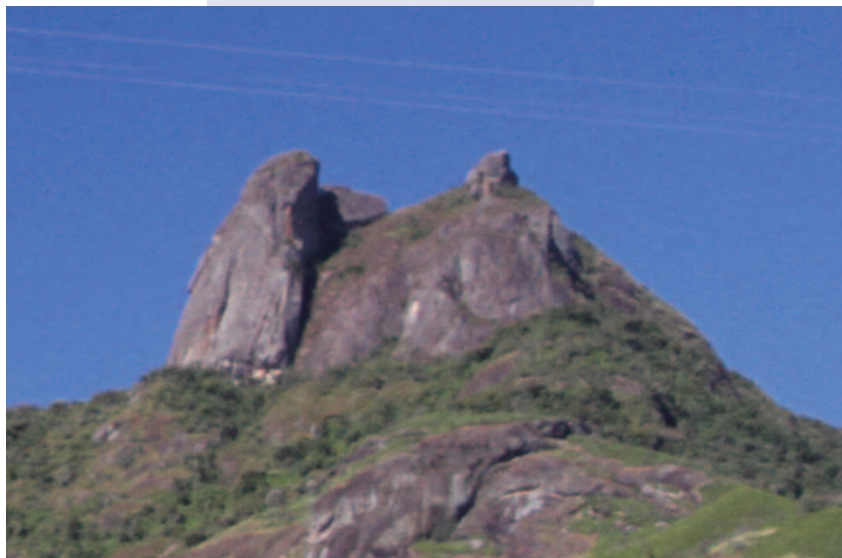
Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

No céu estrelado, a lua cheia resplandecia sobre a vila adormecida de Visconde de Mauá, iluminando a alameda principal e as ruas calçadas de paralelepípedos. Embora o relógio marcasse apenas nove e meia de uma noite de sábado, não se via pedestre ou veículo algum transitando pelo centrinho. Ao invés de ruídos urbanos, ouviam-se, sim, os acordes de um violão sonolento ecoando ao longe, o tímido latido de um cão na espreita atrás do portão, o leve som da brisa a se roçar na folhagem das árvores da mata ao redor.

Desde sempre, a região de Visconde de Mauá se destaca pela exuberância da flora, ostentando matas virgens, cachoeiras de águas límpidas, formações rochosas, morros, vales e colinas cravejadas de araucárias – um acervo da natureza que se mescla para compor um cenário magnífico a qualquer época do ano. É o reduto perfeito, seja para fugir do calor abrasante do verão ou desfrutar das baixas temperaturas que predominam durante os meses de inverno.

Sem o estrelismo de outros recantos serranos vizinhos, a região é constituída por várias vilas e minúsculos povoados que se entremeiam entre os estados de Minas Gerais e Rio de

Na página ao lado: Divisa entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro



Pedra Selada



Araucárias nas divisas



Rua principal no centrinho de Visconde de Mauá



Paisagem rural, igrejinha de São Sebastião, em Mauá

Janeiro. O divisor de águas é, literalmente, o rio Preto (que de escuro não tem nada!) que serpenteia entre os dois estados por cerca de 30 quilômetros, atravessando paisagens campestres, fazendolas e estradas de terra batida.

Através das pontes repartidas estrategicamente ao longo do seu leito, dá para fazer um ziguezague bem exploratório e muito cênico – de carro, bicicleta ou até a cavalo.

Difícil é conseguir distinguir quando você está em território mineiro ou fluminense, pois tudo é rural em qualquer direção. O cartão postal e marco mais famoso daquela área é o Pico da Pedra Selada que pertence, assim como a tradicional vila de Mauá, ao lado do Rio de Janeiro.

Já Maringá – a mais agitada por excelência devido aos inúmeros restaurantes, pousadas boas e comércio estruturado para turistas – possui uma característica peculiar: ela finca pé nos dois estados.

Percorrendo a rota turística você ainda distingue lugares como Bagagem, Campo Alegre, Vale do Alcantilado, Mirantão e Santo Antônio, que se enraízam em uma ou outra margem do rio, alguns mais mineiros que outros, e nos quais é comum não se deparar com ninguém.

Eventualmente, pode ter até um boteco, porém vai ser raro encontrar uma farmácia. Em contrapartida, haverá sempre um gadinho pastoreando languidamente às margens da rodovia, seja ela asfaltada ou esburacada.

Na realidade, só se toma conhecimento das divisas através das placas sinalizadoras. Embora a Vila de Visconde de Mauá fique do lado fluminense, quem já frequentou o estado de Minas Gerais e conhece um pouco de seu jeito de ser, logo se dá conta de que é o espírito mineiro – e o sotaque – que impera na região, principalmente no quesito gastronômico.

Começa pelo pão de queijo, presença indelével em qualquer balcão. Linguças, feijão tropeiro, tutu, costelinhas de porco e outras guloseimas como receitas caseiras de pães, doces de leite, goiaba e banana enfeitam os cardápios e as prateleiras dos pequenos estabelecimentos e nas feirinhas que são montadas nas vilas mais frequentadas, ou seja, Maringá e Visconde de Mauá.



Rua principal de Maringá



De cima para baixo: *Café e Arte Chez Marie*;
Chocolates artesanais; Produtos artesanais no
restaurante *Gosto com Gosto*; Pousada *Txai Mauá*

É possível achar artefatos até em birosacas na beira da RJ 163, conhecida como *Estrada Parque do RJ*, que começa na Via Dutra a partir do quilômetro 311 e sobe para Mauá. Até 2012, a “serrinha” era de terra batida e cheia de buracos, o que dificultava bastante o acesso até o topo da Serra da Mantiqueira, principalmente durante o período chuvoso do verão.

Hoje, encarar o traçado curvilíneo de 18 quilômetros, com trechos íngremes, já não assusta muita gente, pois está totalmente asfaltado.

E ainda tem quem faça paradas estratégicas para alimentar o seu Instagram com imagens do panorama alucinante que emerge atrás de cada curva perigosa. E assim que se avista a Igrejinha de São Sebastião – cuja construção data de 1912 e que representa um marco para os habitantes da vila de Mauá – você sabe que chegou triunfante ao seu destino final. Ou pelo menos que dali em diante pode começar a explorá-lo conforme manda o figurino.

Não é difícil rotular a região como um lugar eclético. Mauá começou a ser procurada na década de 1970 pelos *hippies*, encantados com o isolamento, o clima e a possibilidade de se refugiar na mata. Mas, hoje o público é outro. O progresso se deu nitidamente nas opções de infraestrutura turística e com o objetivo de atender a todos os gostos e bolsos.

É óbvio que tem gente que elege a vila para escapar da cidade grande, mas exige um recanto confortável para se isolar da melhor forma possível, seja para um final de semana ou férias inteiras. Do camping à pousada de altíssimo luxo, existe todo tipo de estabelecimentos. Da proposta *zen* à rústica-chique, qualquer visitante vai encontrar a hospedagem ou o cenário que atenda aos seus requisitos pessoais.

Desde casais em lua-de-mel que sonham com privacidade e o mais íntimo dos ambientes românticos aos mochileiros que buscam trilhas para botar o pé na lama, passando por jovens em busca de emoção nas águas gélidas das cachoeiras, e até a aventureiros com espírito esportivo que desbravam a redondeza munidos de *mountain bikes* ou veículos 4x4. Na região de Visconde de Mauá, envolta pela natureza em seu estado puro, só não vai ser feliz quem deixar de apreciar o brilho da lua cheia no céu estrelado.



CIRCUITO CULTURAL

Muitos artistas e artesãos se instalaram na serra durante as últimas décadas. Alguns se firmaram como exímios talhadores, como os sofisticados trabalhos em madeira maciça assinados pelo carioca Leonardo Carneiro; outros seguiram uma linha mais primitiva, tal qual as grandes talhas representando animais tropicais, lapidadas por Jorge Brito, em pedaços de madeira extraídos da mata. Em Maringá, Beth Santos desenvolveu peças originais em vidro, usando técnicas sofisticadas. Em poucas horas, é possível fazer um circuito cultural pela redondeza para conhecer os ateliês.



Em sentido horário:
trabalhos em madeira maciça
de Leonardo Carneiro;
talhas lapidadas por Jorge Brito;
peças originais em vidro
desenvolvidas por Beth Santos.





PROFUNDA AFINIDADE

Coleção Sebastião Aires de Abreu

Charles Cosac *

As coleções mais genuínas e intrigantes são aquelas cujo inaugurador se conhece. Muitas vezes coleções são herdadas, como um fardo de avós e pais, e nesses casos o colecionador incidental se vê compelido a preservá-la, ou mesmo a continuá-la, quando não a descarta por completo.

Mas esse não é o caso de Sebastião Aires de Abreu, meu querido amigo Tião, que foi o inaugurador e mantém-se como conservador de sua própria coleção há mais de três décadas.

Nascido no Rio de Janeiro e criado pela avó, a quem sempre amou como mãe, em Goiânia, Sebastião não passou ileso ao sucesso massacrante que o artista igualmente goiano, Siron Franco, gozou nos anos entre 1970 e 1990.

À ocasião de seu primeiro matrimônio, Tião pediu emprestado a um amigo uma tela de Siron, para ocupar o espaço do crucifixo. Anos depois, ele veio a adquiri-la, ainda que já estivesse divorciado!

O acesso a Siron Franco também significa acesso ao universo farnesiano, pois Siron tinha inúmeras obras do artista mineiro em seu ateliê e residência. O encontro entre Tião e Siron também aconteceu com muitos, inclusive comigo. Aos 21 anos, quando tive a honra de conhecer o Mestre em seu ateliê, deparei-me com as mais belas obras de Farnese, pelas quais me apaixonei prontamente.

Farnese de Andrade, *Sem título*
Foto: Claudio Ribeiro

Grandes amigos entre si, há uma profunda afinidade entre as obras dos dois artistas, a qual se completa na figura do colecionador, como se fossem uma trindade.



Farnese de Andrade, *Você, ele e eu*
Foto: Claudio Ribeiro

Notadamente, colecionadores de obras de Siron, também o são de obras de Farnese de Andrade. O diálogo entre as obras dos dois artistas se dá mais do meio ao fim da produção de ambos. Tratam-se de

obras e linguagens visualmente distintas que talvez tenham sido, no entanto, cunhadas por motivações similares. O sombrio, o tétrico, o patético, o desalento, enfim, tudo que resumimos no substantivo abstrato “tristeza” está presente na obra dos artistas, sobretudo na produção de Siron dos anos 1970 a meados dos anos 1980.

Sebastião tornou-se grande amigo de Siron, que o apresentou a Farnese, e, com tal conhecimento, ele veio a se tornar um verdadeiro *connoisseur* do processo criativo dos dois artistas. Fato esse certamente decisivo à sua adesão e, sobretudo, às escolhas das obras que adquirira.

Há uma crucial diferença entre colecionar obras de um artista desconhecido diretamente de galerias e comprá-las com o artista, com quem você tem a oportunidade de conviver e viver momentos de intimidade. Nesse segundo caso, o colecionador sente-se, grosso modo, uma sorte de coautor, ou mesmo parte da obra por ter podido acompanhar seu processo de desenvolvimento do início ao fim.

Mas houve momentos da coleção de Sebastião em que obras foram igualmente adquiridas de galerias, de *marchands* ou de coleções particulares. Sebastião teria se aprofundado sobremaneira na produção de Siron e de Farnese a ponto de detectar obras-chave, que nem mais os próprios artistas as possuíam, tendo encontrado-as em diversos locais e ocasiões.

O amor à arte é quase sempre um fenômeno circunstancial, e o ato de colecionar é uma das atividades mais intimistas que existe, uma vez que há grande erotismo na escolha de uma obra de arte à medida que se anseia certo *frisson* na própria pele ao ter com ela o primeiro contato.

E foi assim, nesses tantos anos e dentro de suas possibilidades, que Sebastião reuniu o que há de melhor dos dois artistas, tornando-se o maior colecionador de Siron e Farnese no país. Coleção rica e genuína, sempre requisitada para exposições solos ou coletivas – as quais ele sempre atende positivamente.

Sebastião vive recluso e só, próximo à Goiânia. Depois de muitas mudanças construiu, com auxílio de arquitetos, sua residência ideal, sob medida, onde foi contemplado um espaço determinado para cada obra. Sem reserva técnica, ele tem a honra de conviver com toda a sua coleção, com a qual mantém uma relação fetichista e muito amorosa. A trindade se completa.



Farnese de Andrade,
Sem título
Foto: Cláudio Ribeiro

O MUSEU VISCERAL DE FARNESE: *coleccionismo e afeto*

Aldones Nino *

Manipulando, como numa cirurgia, a parcela obscura, mágica e monstruosa da morte, Farnese arma uma linguagem que parece interessada em mostrar, no final de tudo, não as formas da morte, mas a presença dessas formas na própria vida

Roberto Pontual

Recentemente a 14ª Bienal de Curitiba (2019) apresentou a exposição *Farnese de Andrade: uma arqueologia existencial*, sob a curadoria de Tereza de Arruda, apresentando peças da Coleção Sebastião Aires de Abreu, que reúne obras desde uma icônica *Caixa de Hiroshima* (*Sem título*, 1966), composta por bonecos incinerados em redomas de vidro dispostos em uma caixa de licor, até *Oratório* (*Sem título*, 1996), composta por uma pintura de pássaro e um *São Sebastião*, abrangendo assim o período completo de sua produção voltada à obra tridimensional (1966-1996).

A participação de Farnese em várias edições do Salão Nacional de Arte Moderna, da VI e VII Bienal de São Paulo, XXXIV Bienal de Veneza, II Bienal da Bahia, atesta seu contato com o espírito de experimentação da década de 1960/70, ao mesmo tempo em

* Charles Cosac é o corrente diretor do Museu Nacional da República - DF



Panorâmica da exposição no MON – Museu Oscar Niemeyer, Curitiba (14° Bienal Internacional de Curitiba)

Foto: Markus Avaloni

que toca conceitos das vanguardas históricas do século XX e do barroco colonial brasileiro. Além da presença em coleções públicas nacionais e internacionais, suas obras integram importantes coleções privadas como Charles Cosac, Fernanda Feitosa e Heitor Martins, Diógenes Paixão, Gilberto Chateaubriand e João Sattamini. A Coleção Sebastião Aires de Abreu assegura seu destaque neste panorama, pois suas peças oferecem uma vasta perspectiva material, apresentando peças constituídas a partir da hibridização de fotografia, ex-votos, oratórios, gamelas, imagens de santos, cadeiras, resina, fragmentos de madeira, bala de fuzil, cangalhas e caixas, materiais reiteradamente presentes em suas composições.

Em uma entrevista concedida à Maria Lucia Rangel, em março de 1976, Farnese de Andrade faz uma analogia, demarcando assim a especificidade que seus objetos tinham dentro de sua produção. No texto Farnese: quando a sensibilidade é mais forte do que a mente, ao voltar-se

para seus objetos, o artista diz ter uma *“ligação quase umbilical com eles”*, chegando até mesmo a inflar os valores para evitar sua venda aos interessados, como também, chegando a recomprar peças de colecionadores.

Dois anos antes, a jornalista Miriam Alencar aponta que ao contrário das pinturas e desenhos, Farnese não gostava de vender seus objetos. O artista afirmava que *“como eles fazem parte de mim mesmo, prefiro, quando é o caso, que fiquem em mãos de pessoas que conheço bem, amigos meus, que sabem senti-los como eu”*.



Farnese de Andrade, *São Jorge*
Foto: Claudio Ribeiro

A metáfora do cordão umbilical serve para ilustrar eixos de comunicabilidade, que no processo de gestação liga o feto e a placenta e, em suas *assemblages*, comunicam o artista com o mundo. Revelando a profundidade de seus estágios reflexivos, introspectivos e depressivos, ele realiza um amálgama de formas e materiais distintos, de modo a que fiquem indissociáveis.

Seu acervo tridimensional era constituído de obras que pareciam aguardar a inserção material/metafórica perfeita, sempre sujeita a rearranjos e a um *continuum* processo de criação, atestado pela alargada datação de suas peças, algumas com intervalo de mais de duas décadas, como em *O guerreiro* (1968-1995), que levou 27 anos para ser considerada terminada, e *Toda com lixo de praia* (1972-1994), realizada ao longo de 22 anos.



Farnese de Andrade,
Medéia
Foto: Claudio Ribeiro

Farnese de Andrade,
Sem título
Foto: Markus Avaloni



Nesse sentido, torna-se fundamental a pesquisa de acervos como o de Sebastião Aires de Abreu, pois diante do crescente interesse na produção de Farnese de Andrade, as coleções particulares constituem-se como uma das principais fontes de pesquisa de sua produção tridimensional. Da mesma forma que o afeto moldou o destino de suas peças em vida, tais colecionadores detêm a possibilidade de contribuírem cada vez mais

A Coleção Sebastião Aires de Abreu, conta também com *Patos na água* (1986), capa do catálogo de sua exposição *Objetos e Esculturas* (1986), realizada na Galeria Anna Maria Niemeyer no Rio de Janeiro, e *São Francisco* (s.d), capa do catálogo da exposição *Gravuras e Objetos* (1992), no Espaço Cultural BFB em Porto Alegre.

para o legado deste artista, exibindo e salvaguardando as *assemblages* que como uma *matryoshka*, revelam dentro de si, incontáveis fabulações ficcionais, poéticas e afetivas.

* Aldones Nino é curador independente e historiador da arte



*Sushi das Artes será montado
na área externa da Cidade das Artes*

RIO TERÁ
SEU PRIMEIRO
RESTAURANTE
CABINE

Com inauguração marcada para dia 5 e totalmente adaptado ao chamado “novo normal”, o restaurante tem como sócia-embaixadora a apresentadora da TV Globo, Fernanda Gentil



A empresa carioca Qbaar criou o primeiro restaurante cabine da Cidade Maravilhosa, instalado na área externa da Cidade das Artes, na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. Reservas poderão ser realizadas pelo aplicativo *Get In* (IOS e Android). Quem preferir ir diretamente ao local estará sujeito à fila de espera.

Para o empreendimento, a segurança dos clientes foi colocada em primeiro lugar. O projeto conta com 30 “casinhas” com armação de madeira, paredes e teto de acrílico transparente, situadas à beira de um lago com velas ao redor, numa área arborizada de aproximadamente 3.000 m², no coração de um dos bairros mais atrativos da cidade. Cada cabine comporta quatro pessoas no máximo, sendo todas da mesma família. Para ir ao banheiro, o cliente será transportado em carrinho de golfe individualmente.

– *Sou amiga há muitos anos do Felipe (Palermo), um dos criadores do projeto. Quando ele me apresentou a ideia e, principalmente, o propósito de trazer para o público carioca uma opção segura de entretenimento num momento de tanta tristeza, isso fez sentido para mim. Por isso resolvi abraçar a ideia e estou muito feliz com essa iniciativa. Foi feito um processo rigoroso na escolha dos profissionais de todas as áreas, para que tudo funcione perfeitamente e atenda às expectativas. Pessoas maravilhosas estão se doando ao máximo para que haja muita segurança, conforto e qualidade. O local terá um charme sem igual no Rio de Janeiro* – afirma Fernanda Gentil.

Outra novidade do Sushi das Artes é uma plataforma exclusiva para os clientes fazerem seus pedidos. O local não terá garçons. Somente *cumins* levarão às cabines as comidas e bebidas solicitadas pelo aplicativo da Rappi, parceiro comercial do empreendimento.

– A Rappi tem por missão facilitar a vida dos seus usuários, e essa parceria com o Sushi das Artes irá proporcionar momentos de descontração, com segurança e proteção para a população carioca. Ficamos muito satisfeitos por fazer parte dessa realização inovadora – comenta Sérgio Saraiva, presidente da Rappi no Brasil.

O cardápio ficará sob responsabilidade do *chef* Maciel Paiva. Ele irá trabalhar dentro de um contêiner customizado na parte central do terreno. Todo o projeto foi desenvolvido pela empresa Qbaar, com a parceria da Fundação Cidade das Artes, o maior complexo cultural da América Latina.

– A Cidade das Artes está sempre aberta para grandes ideias e parcerias que levem ao público ca-rioca momentos de descontração. Agora, durante esse período delicado em que vivemos, somos o maior complexo de entretenimento seguro do Rio de Janeiro. Somam-se aos shows, eventos de arte e gastronomia, o Drive-in das Artes, que vem sendo um sucesso. E certamente acontecerá o mesmo com o Sushi das Artes – diz Renata Monteiro, presidente da Fundação Cidade das Artes, corroborando a opinião de um dos criadores do projeto, o empresário Marcelo Toth.



Contêiner onde o chef Maciel Paiva irá trabalhar

– Eu e meus sócios somos empresários ligados ao ramo de entretenimento e eventos. Quando começou essa pandemia, percebemos que era o momento de elaborar projetos relevantes e seguros para o público carioca. Atento às inovações ao redor do mundo, vimos algo realmente muito interessante que aconteceu na Holanda e nos inspiramos nisso para fazer o Sushi das Artes. O projeto ficou lindo e cumpre todas as exigências recomendadas para garantir a saúde de todos. Os nossos grandes parceiros engrandecem ainda mais o empreendimento – conta Marcelo.

Para celebrar o novo espaço e a gastronomia carioca, a cerveja Stella Artois também é apoiadora do Sushi das Artes.



– *Stella acredita que reunir as pessoas queridas ao redor da mesa é a receita certa para criar momentos especiais. Por isso, mesmo em tempos desafiadores como este pelo qual passamos, trabalhamos constantemente para continuar apoiando a gastronomia no Brasil e oferecer experiências diferenciadas ao público, sempre com um toque sofisticadamente simples* –, disse Mariana Porto, gerente de marketing de Stella Artois na Ambev.



SERVIÇO:

SUSHI DAS ARTES

Local:

Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca, Rio de Janeiro-RJ)

Horários:

Terças, quartas e domingos: das 18h às 23h

Quintas, Sextas e Sábados: das 18h às 00:30h

Reservas online: Aplicativo *Get In*

Estacionamento: pago no local

50 anos de carreira de ARAQUÉM ALCÂNTARA, ícone da fotografia

*Lançamento de novo livro e viagem à Amazônia
estão no roteiro do artista*



Reconhecido mundialmente por suas obras fotográficas, Araquém Alcântara, um dos precursores da fotografia de natureza no Brasil, comemora 50 anos de uma carreira brilhante e consolidada. Um dos mais importantes fotógrafos ativos da atualidade, Araquém começou a fotografar ainda menino, reproduziu sua primeira foto em janeiro de 1970, e não parou mais. Em meio século de andança, já conquistou 6 prêmios internacionais e mais de 70 prêmios nacionais. Os 55 livros lançados têm como base criativa o Brasil, sobretudo a Amazônia e o sertão brasileiro.



Da esquerda para a direita: Menina do Rio Negro e seu bicho de estimação, arredores de Manaus, 2010; Biguatinga, Estação Ecológica de Juréia-Itatins, Peruíbe/Iguape, 1979

Araquém Alcântara



Índios Ingaricós. Rio Cotingo, Roraima

Araquém Alcântara

“Minhas fotos são um canto de amor à natureza e ao povo brasileiro. De um lado a fertilização imensa que é este país amazônico, verdadeira sinfonia de belezas. De outro, a violentação assassina dos santuários ecológicos, a degradação impune da natureza, o povo espoliado, faminto, sem futuro.”

Com fotos famosas que rodam o mundo, Araquém luta pela sustentabilidade, regularização fundiária da Amazônia e proteção dos povos indígenas, e acredita que esse é o momento para vetorizar todos os esforços para que o Brasil se torne uma grande potência verde.

“O momento para mudar o Brasil é agora, precisamos parar o desmatamento! O homem se afastou da natureza e na sua extrema ignorância pensa dominar e domesticar à sua maneira o vasto complexo biológico a que está submetido por leis maiores. Sou um artista

de combate, indomado, viajante, colecionador de mundos. Minhas fotos convidam à reflexão, ativam a imaginação e o sonho. Não tenho compromissos com escolas, partidos e ideologias” – afirma o fotógrafo.

No próximo dia 15 de agosto, Araquém retorna à Amazônia, num momento difícil e delicado em que vive a região e o povo indígena, por onde ficará um mês para registrar novos momentos que completarão sua obra sobre a floresta tropical. As imagens registradas serão expostas em uma feira de Frankfurt, na Alemanha, em outubro de 2021. Esse trabalho também contempla a série de lançamentos comemorativos.

“Eu cheguei a morar 5 meses na Amazônia, foi minha odisseia durante 15 anos, onde pude ver e conhecer as joias raras do país. Minhas fotos não são andaime de nada, elas são como música, celebram a vida.”



Foto: Divulgação

SEGUNDA TEMPORADA DE *LIVES* DA *SOMMELIÈRE* DEISE NOVAKOSKI APOSTA NOS DRINQUES

Deise Novakoski *

A Sommelière e bartender Deise Novakoski, reconhecida por suas criações originais com diversos tipos de bebidas, participa ativamente da construção da cultura do gosto. Durante a quarentena, Deise tem revelado seus conhecimentos semanalmente em lives. A audiência fez o projeto crescer e agora a especialista também pilota o curso “ABC do Vinho e outras doses”

“Nem nas minhas previsões mais otimistas, poderia imaginar uma aceitação tão favorável ao projeto proposto pela jornalista Luciana Neiva, diretora da Mural Comunicação. A ideia original era falar sobre vinhos, mas o universo foi aumentando e decidimos ampliá-lo. O que acho ótimo porque os sabores das bebidas permitem ilimitadas possibilidades criativas. Afinal, quem já não ousou um passeio pelo mundo dos drinques?”, indaga a sommelière.

Na temporada de agosto, que acontece todas as quartas, às 19 horas, Daise irá compartilhar alguns dos drin-

ques que criou em homenagem a personagens da 7ª Arte. E revelou à Oxiênio quatro de suas “criações cinematográficas”.

CHURCHILL

A linha de vinhos do Porto Churchill's é produzida pela gigante Graham's, em homenagem ao grande estadista Winston Churchill, alvo de documentários, séries e filmes. Tudo em Churchill era exagerado: um grande consumidor de champagne e, igualmente, nas mesmas proporções, de vinho do Porto. Era amante de charutos e um frasista incomparável.

Fiz o drinque para homenageá-lo, por respeito a sua boca maledicente – que mesmo enterrada há muitos anos, deve ter lá seus poderes. Não diluí demasiadamente o vinho do Porto e ainda dei preferência a um do tipo Tawny com mais tempo de guarda, mais acastanhado e, portanto, mais robusto.



Foto: Domínio público



Foto: Ana Ligia Petrone

Ingredientes:

1 dose de vinho do porto *Graham's tawny*
1 laranja-pera
Gelo

Modo de preparo:

- Encha de gelo um copo do tipo *long* drinque
- Corte a laranja ao meio, tire uma fatia fina e reserve
- Esprema o restante, coe e reserve
- Passe a fatia da laranja na borda do copo e posicione na lateral interna
- Coloque a dose de vinho do porto *tawny*
- Complete com o suco de laranja
- Sirva em seguida

*“Eu já tirei mais do álcool
do que o álcool tirou de mim”*

Winston Churchill

JAMES BOND – O PRÓXIMO

Na primeira fase de James Bond, o 007 era um bebedor de champagne *Bollinger*; já na segunda era meticuloso bebedor de *drymartine* com a recomendação “*shake not disturb*”, ou seja, batido não mexido. Muitos autores, admiradores do personagem, afirmam que é o contrário: “*Distur bnot shake*”.



Foto: Divulgação/Montagem - EON

Para não perder a graça da polêmica, e confundir eternamente as histórias de 007, preparei uma receita/homenagem onde misturo tudo e conto a história a meu modo, só para ouvir alguém discordando porque bar sem polêmica não tem a menor graça!

Ingredientes:

150 ml de champagne ou espumante *brut*
1 dose de gim de sua preferência
2 gotas de limão siciliano
2 pedras de gelo
½ gota de angostura

Modo de preparo:

- Coloque os ingredientes acima numa coqueteleira, bata vigorosamente e passe para uma taça de vinho
- Complete com champagne. Na falta de champagne –

ou de coragem de usar tão nobre vinho para esse fim – use um espumante *brut*

- Deixe mergulhar 2 alcaparras no fundo da taça
- Sirva em seguida

Atenção! As alcaparras são para petiscar. Nos dias atuais James Bond seria um tipo saudável e jamais beberia sem se alimentar, concordam?



Cartaz do filme / Divulgação

Ó PAI, Ó

O filme é uma ode ao espírito Machadiano que mora em todos nós e faz com que, diante de um erro e em um primeiro momento, nos sintamos culpados e até ultrajados. No entanto, com o passar das horas, dias, meses, temos a tendência de nos perdoar e até encontrar motivos por termos cometido o deslize. *Ó Pai, Ó* é o que isso quer dizer: *"Olha só pra isso, eu não queria... mas fulano me irritou tanto que eu acabei fazendo"*.

E na Bahia eles têm um modo de dizer *Ó Pai, Ó* que parece mais um choro de desculpa, revelando a típica

molecagem e o jeito divertido do baiano levar a vida, insuperavelmente alegre e invejável.

Essa agonia de acordar e ir dormir com vontade de se embolar com alguém, com o desejo de viver cantando e dançando, rindo, zombando de um e outro, tomando uma, torna a alma de tudo o que se passa por ali inebriante, sem necessidade de nenhum aditivo. Daí resolvi usar o ingrediente que todo mundo sabe: sem ele não tem receita baiana.

Ingredientes:

1 copo de 200ml de água de coco bem gelada

1 dose de xarope vermelho, pode ser de morango, groselha ou até mesmo cobertura para sorvete

Modo de preparo:

Coloque o xarope / licor vermelho no fundo de uma taça do tipo *flute* – aquelas antigas para servir vinhos espumantes *brut* – e complete com água de coco bem gelada, se preferir pode colocar uma pedra de gelo.

Você pode fazer cubinhos de gelo com água de coco, caso queira servir o drinque com uma ou duas pedras de gelo.

A MALVADA

Sou fã da cena em que Bette Davis desce a escada naquele vestido de veludo verde com aquele olhar de Bette Davis. É espetacular!

No final da escada ela deveria ser recebida por alguém com luvas brancas servindo um drinque numa belíssima taça de cristal *baccarat*, que receberia com seu

suave desprezo, caminharia até o piano e ali deixaria a taça já vazia. Anos depois, ninguém lembraria de seus passos na escada, só da velocidade com que sorveu o drinque. Qual seria aquela mistura? Quem teria aquela receita?

Ingredientes:

- 3 gotas de angostura
- 3 gotas de limão
- 3 gotas de laranja
- 1 colher de sopa de açúcar de coco
- 150ml de vinho branco seco
(*sauvignon blanc* ou *chenin blanc*)
- 20ml de licor de laranja
- 20ml de *brandy*
- 1 casquinha de limão
- 1 casquinha de laranja
- 3 ou 4 pedras de gelo

Modo de preparo:

- Misture as gotas de angostura, limão e laranja numa taça para vinho branco; rode a taça fazendo com que as gotas molhem as paredes internas do recipiente.
- Coloque um pouco do açúcar de coco dentro da taça e deixe grudar nas partes umedecidas pelas gotas; bata o excesso em um pires e reserve a taça.
- Coloque o gelo na coqueteleira, o brandy, o licor de laranja e o vinho branco. Bata vigorosamente e passe para a taça previamente untada com o açúcar de coco.
- Junte as duas casquinhas – limão e laranja –, retorça-as sobre a bebida fazendo soltar o óleo das casquinhas dos citros, depois solte-as no drinque.
- Sirva em seguida.



Bette Davis em *A Malhada*
Foto: Domínio público

SERVIÇO:

DEISE NOVAKOSKI
deisesommeliere@gmail.com

Para acompanhar as *lives*:
<https://www.instagram.com/muralcomunicacao/>

Mais informações:
Luciana Neiva – (21) 99727-4619

EM LONDRES, A ARTE DE VOLTA AO VIVO E A CORES

Autorretrato fright wig (Peruca do medo)



Londres começou a emergir do lockdown com galerias e museus abrindo suas portas. Como todos os outros setores das indústrias criativas, as instituições culturais foram afetadas pela pandemia, e há uma satisfação enorme em ver “ao vivo e a cores” uma exposição que você viu online e esperou meses para conhecer em detalhes. Essa foi a minha experiência ao visitar as exposições de Andy Warhol na Galeria Tate Modern e Cerith Wyn Evans na Galeria White Cube.

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato

Numa manhã ensolarada mas, como possibilidade de chuva mais tarde... abro aqui um parêntese e um meio-protesto porque, apesar dos meus quase 40 anos como habitante dessa ilha, não consigo me adaptar às frequentes mudanças climáticas que ocorrem num mesmo dia. Hoje entendo porque o assunto sobre clima sempre foi importante na conversa diária dos ingleses e como as minhas amigas traziam guarda-chuvas em suas bolsas, como Mary Poppins o fez ao tirar vários objetos de sua valise.

Voltando ao dia de sol, saí e fui vivenciar como a abertura de galerias e museus que tanto visitava estão funcionando.



As orientações do Governo Britânico deixam claro que as seguintes medidas devem ser consideradas para permitir uma reabertura segura:

MUSEUS E GALERIAS:

- Os ingressos precisam ser pré-reservados para reduzir o número de pessoas que entram ao mesmo tempo em uma exposição. O modelo “*somente com hora marcada*” exige que os visitantes façam reservas, com antecedência, no website da instituição.
- Rotas de mão única, marcações claras no piso e um sistema de gerenciamento de filas devem ser implementados, onde for necessário, para manter medidas de distanciamento social. Os visitantes devem respeitar a regra dos dois metros e algumas galerias estão admitindo poucas pessoas ao mesmo tempo para garantir que a norma seja cumprida. Além disso torna-se necessário organizar o fluxo de pessoas de modo a limitar o contato entre funcionários e visitantes.

GALERIA WHITE CUBE – BERMONDSEY

Exposição Cerith Wyn Evans

(No realm of thought... No field of vision)

Sem domínio do pensamento... Sem campo de visão

Antes da minha visita à galeria, entrei no site e pude ler as regras implementadas, com uma série de perguntas e respostas que achei interessante para ajudar os visitantes.

Como faço para marcar minha visita?

As reservas para as exposições podem ser feitas aqui ([link](#)). Os *slots* de reserva são de uma hora e você deve chegar dentro de 30 minutos a partir do horário de início do seu *slot* reservado.

Eu tenho que usar uma máscara?

Pedimos que todos os visitantes usem uma máscara ao visitar as galerias. Desde o dia 24 de julho, seguindo novas diretrizes do governo, as máscaras são obrigatórias durante a sua visita.

Os banheiros estão disponíveis nas galerias?

Espaços comuns fechados, como banheiros públicos, apresentam alto risco de transmissão; portanto, não estão abertos ao público, com exceção dos banheiros para pessoas com deficiência.

Há assentos disponíveis nas galerias?

Os assentos foram removidos para permitir a adoção de medidas de distanciamento social.

Na entrada da galeria fui recebida por funcionários mascarados que verificaram o meu nome e o horário da reserva.

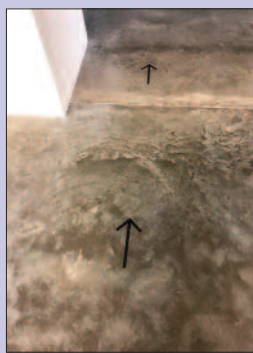
- Os sistemas regulares de limpeza devem ser intensificados durante o dia e também além do horário de funcionamento.

As galerias comerciais colocam estações de desinfetantes para as mãos na entrada e o uso obrigatório de máscaras, com algumas distribuindo as suas.

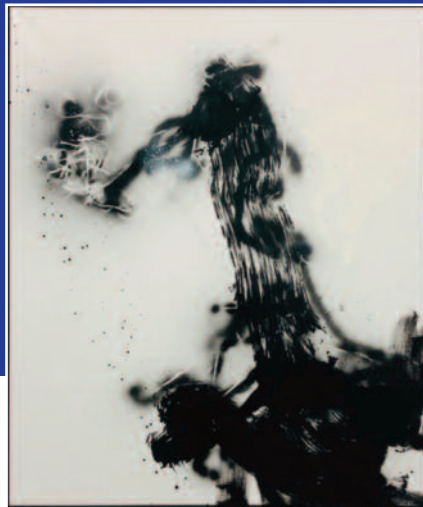
- O acesso aos guias de áudio pode precisar ser revisto, com os museus considerando novos formatos para o conteúdo, como aplicativos, que podem ser acessados em dispositivos pessoais, como celulares, por exemplo.

- Lojas e cafés precisarão reabrir de acordo com as orientações para empresas de alimentos e espaços de varejo. Devem, também, incentivar os visitantes a pagar por métodos sem contato, sempre que possível.

O secretário da Cultura, Oliver Dowden, afirma: *“Nossos museus, galerias e atrações do patrimônio são de classe mundial e essas orientações ajudarão a colocar esses setores em funcionamento novamente. A reabertura ajudará a impulsionar as economias locais em todo o país e garantirá que nossa herança nacional seja segura e aberta a todos.”*



Da esquerda para a direita, em tradução livre: *Still life, In course of arrangement...* (Natureza morta, Em andamento...); *Indeterminate painting* (Pintura indeterminada); *Take Apprentice in the Sun III and IV* (Leve o Aprendiz ao Sol III e IV)



Na parede da entrada encontravam-se todas as informações necessárias à visita e um pdf com a planta de cada sala, incluindo a direção de como transitar e informações sobre as obras.

Na primeira sala estavam mães e filhos, todos mascarados, que trouxeram uma alegria àquele momento que só crianças conseguem produzir quando em frente à arte.

Pelo seu espaço grandioso, a galeria permite que se veja a exposição quase que solitariamente, mesmo com a presença de oito a dez pessoas nas salas.

A prática artística de Cerith Wyn Evans tem foco voltada para como as ideias podem ser comunicadas através da forma. Seu trabalho inclui instalação, escultura, fotografia, filme e texto.

Evans começou sua carreira como cineasta, produzindo filmes experimentais curtos e trabalhos colaborativos, incluindo dança e *performance*.

Desde a década de 1990, cria obras que se concentram na linguagem e na percepção, apresentando uma clareza precisa em relação à sua manifestação no espaço.

A exposição é composta por 25 obras nas quais o artista injeta detalhes meticulosos em cada peça. Seus trabalhos procuram criar um ambiente imersivo que desafia as noções de percepção e realidade.

Wyn Evans é representado pela galeria *Fortes D'Aloia e Gabriel* e fez parte da exposição coletiva *City in Dust* na Carpintaria, no Rio de Janeiro, com o trabalho *Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína*.



F=O=U=N=T=A=I=N (F=O=N=T=E, em tradução livre) – vasta parede de neon que corta diagonalmente o espaço, compreendendo um extrato de “Sodoma e Gomorra” (1921/1922), o quarto volume do romance *À procura do tempo perdido*, de Marcel Proust, traduzido para o japonês por Kazuyoshi Yoshikawa

Infelizmente, o espaço está fechado devido à pandemia e a exposição terminou no final de julho.

Depois de cinco meses ausente do mundo das galerias, minha manhã foi “show de bola”.

Para manter o distanciamento, evito o quanto posso qualquer tipo de transporte e fui andando para a *Tate Modern*. O dia ensolarado agora está frio e com a cor cinza que permeia constantemente o céu de Londres.

GALERIA TATE MODERN – BANKSIDE

Minha experiência na *Tate* foi diferente da *White Cube* pelo maior número de pessoas e pelas regras implementadas. Mesmo seguindo as recomendações

do governo, para a minha grande surpresa, não havia a exigência de máscaras nas salas expositivas – apenas nas lojas.

Primeiro visitei a obra que sempre gosto de rever, *Babel* (2001), de Cildo Meireles – tão presente na política mundial atual. Depois, Dora Maurer, uma artista húngara com trabalhos em filme, fotografia e paintings, de 1970 a 2010.

Sempre que vou a *Tate Modern* procuro ver parte da coleção que muda com alguma frequência.

A exposição do Andy Warhol estava cheia, mesmo com o controle para limitar as visitas por horários. Não existe uma maneira de saber quanto tempo cada espectador ficará nas exposições.

Warhol é um dos artistas mais conhecidos no mundo e essa retrospectiva é a primeira exposição do artista na *Tate Modern* há quase 20 anos. Além de suas imagens pop icônicas das latas de sopa, de Marilyn Monroe, Coca-Cola e Campbell, inclui obras nunca vistas antes no Reino Unido. Vinte e cinco trabalhos da série *Ladies and Gentlemen* – retratos de *drag queens* negras e latinas e mulheres trans – são exibidos pela primeira vez em 30 anos.

A exposição começa com uma das paredes coberta por desenhos inéditos tendo como tema amor, sexo e desejo representados por homens jovens. Foram feitos nos anos 50, quando Warhol trabalhava como ilustra-

dor e lutava para ser reconhecido como artista. As galerias de Nova York dessa época rejeitaram os desenhos por preconceitos homofóbicos

Na mesma sala encontra-se o retrato do menino Andrew Warhola, seu nome de batismo (Warhol era católico prati-

cante) que, imagino, contempla os desenhos do início de sua carreira, que se encontram à sua frente.

Em 1975 Warhol produziu a série *Ladies and Gentlemen* com 268 obras de *drag queens* e mulheres trans desconhecidas, negras e latinas. Wilhelmina Ross teve a



Em ambas as obras Wilhelmina Ross da série *Ladies and Gentlemen*

maior presença: aparece em 73 retratos da série; dois deles estão na exposição.

Usando a mesma técnica para produzir os retratos de celebridades, Warhol tirou fotografias Polaroid dos modelos e depois as transferiu para a tela, usando o processo de *silkscreens* com cores brilhantes.

A exposição no *Palazzo dei Diamanti*, na cidade de Ferrara, da série *Ladies and Gentlemen*, teve como crítico de arte o cineasta Pier Paolo Pasolini. Warhol liberou a superestrela de cada uma das modelos. O curador Stephan Diederich escreve no catálogo: “*Ele (Warhol) permitiu a todos o potencial de serem bonitos e de se sentirem bem embaixo de suas máscaras protetoras*”.

As perucas de Warhol estão expostas em uma vitrine e alguns críticos consideraram de mal gosto. Pensei nelas como sua identidade: Warhol tinha pavor que alguém o visse careca, o que aconteceu desde os 20 anos.

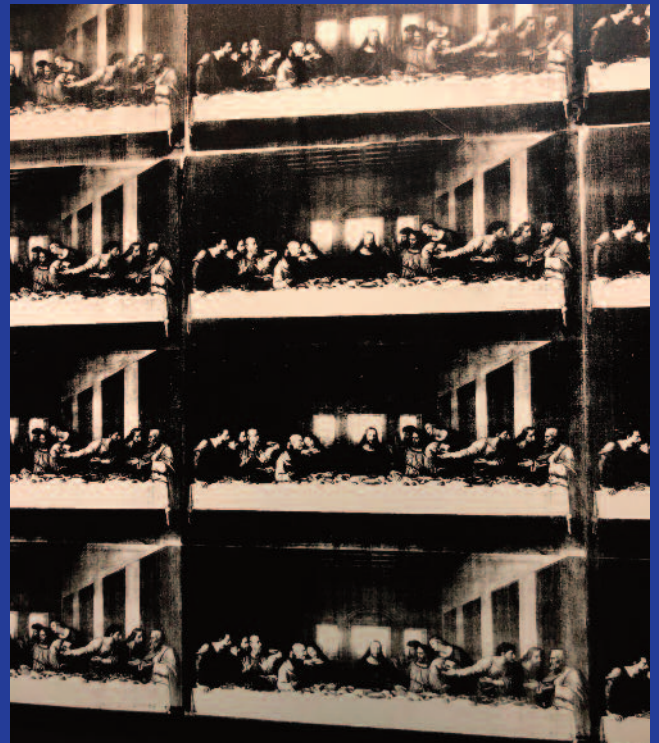
O uso de cabelos prateados artificiais era uma característica peculiar do artista. Um dos destaques da exposição é um dos autorretratos da famosa “*fright wig*” (peruca do medo), de 1986, que remete a essa perturbação que o perseguiu durante toda a vida. Um verdadeiro fantasma.

A última obra da exposição *Sixty Last Suppers* (Sessenta Últimas Ceias), de 1986, junta fé, morte e desejo referente ao trabalho *Last Supper* de Leonardo da Vinci. Warhol tinha uma cópia na parede da cozinha na casa de sua família. A peça original de Da Vinci foi restaurada várias vezes mas Warhol escolheu uma reprodução para criar mais de 60 serigrafias, pinturas e trabalhos

em papel. A aparente irreverência pelas distinções entre o sagrado e o profano, arte e design comercial, reflete a inevitável transformação de Warhol: de uma obra profundamente religiosa a um clichê cuja mensagem profunda ficou abafada pela repetição.

Sixty Last Suppers, uma de suas últimas obras, foi criada após a morte de seu parceiro Jon Gould, de AIDS.

Focando a arte de Warhol através de aspectos de sua vida pessoal — seu histórico familiar, sua identidade *queer*, seu medo da morte — a exposição na *Tate* oferece uma imagem alternativa.



Sixty Last Suppers (Sessenta Últimas Ceias)



Tarsila do Amaral
Composição (Figura só),
1930
Comodato MASP
Ronaldo Cezar Coelho
Foto: Eduardo Ortega

NO MASP, ARTE E MÚSICA ONLINE E GRATUITO PELA PRIMEIRA VEZ



Quinteto de Sopros
Camargo Guarnieri
se apresenta em 2019
no projeto Osesp MASP
Foto: Daniel Cabrel



Quinteto de Sopros Camargo Guarnieri se apresenta em 2019 no projeto Osesp MASP

Foto: Daniel Cabrel

Duas das instituições culturais mais simbólicas de São Paulo, o MASP e a Osesp retomam, no próximo dia 5, a série de concertos Osesp MASP. Desde 2015, o evento combina arte e música no palco do MASP Auditório

Em razão das medidas de isolamento social impostas pela pandemia da Covid-19, as apresentações foram reformuladas. Todos os concertos ocorrerão no Auditório do MASP, sem plateia, e serão transmitidos ao vivo pelas páginas do museu no Facebook e no YouTube.

Os vídeos ficarão disponíveis nas redes sociais do MASP posteriormente e por tempo ilimitado.

O objetivo do projeto é estabelecer diálogos entre a arte e a música, relacionando as similaridades estéticas

e históricas de ambas. Por isso, cada apresentação é comentada por um especialista convidado, que faz conexões entre obras do acervo do MASP e as composições musicais.

Na apresentação de estreia, dia 5, às 20h, a programação começa com uma fala de Sérgio Molina, compositor, coordenador-geral de música na Faculdade Santa Marcelina e autor do livro *"Música de Montagem"*. Ele relaciona a obra *"Composição (Figura só)"*, 1930, de Tarsila do Amaral, com o repertório de Ernst von Dohnanyi, Heitor Villa-Lobos e Benjamin Britten.

As composições serão executadas pelo Quarteto *Chromos*, com Joel Gisiger no oboé, Matthew Thorpe no violino, Ederson Fernandes na viola e Jin Joo Doh no violoncelo.

O patrocínio, neste ano, é de Goodyear, Nova Energia e Klabin.

Designed by Ikaika / Freepik



SERVIÇO:

OSESP MASP

5 de agosto, às 20h

DOHNANY, Serenade para Trio,
Opus 10 (22')

VILLA-LOBOS, Quarteto nº 1,
adaptação com oboé (8')

1 - Cantinela

2 - Brincadeira

6 - Saltando como um Saci

BRITTEN, Fantasia para quarteto
com oboé (13')

Quarteto Chromos

Joel Gisiger, oboé

Matthew Thorpe, violino

Ederson Fernandes, viola

Jin Joo Doh, violoncelo

Palestrante

Sérgio Molina, compositor,
coordenador-geral de música
na Faculdade Santa Marcelina
e autor do livro *"Música de Montagem"*

OXIGÊNIO

revista

UM ANO
SÓ DE NOTÍCIAS BOAS